

Marcelo Morales

# A Formação Médica no Brasil Está em Risco?

O Brasil tornou-se o vice-campeão mundial em número de escolas médicas, com cerca de 390 instituições em funcionamento, atrás apenas da Índia, que possui mais de 600, segundo a Radiografia das Escolas Médicas 2024, publicada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). Desde 2000, quando o país contava com apenas 80 escolas, houve um aumento acelerado e desordenado, sem o suporte necessário para garantir ensino de qualidade. Se essa expansão continuar no mesmo ritmo, o Brasil pode ultrapassar a Índia em número absoluto de escolas médicas já nos próximos levantamentos. Em termos proporcionais, considerando a população seis vezes maior da Índia, já estamos à frente.

Esse crescimento descontrolado levanta uma questão fundamental: a expansão de escolas tem ocorrido sem critérios claros, mesmo com a existência de regras regulatórias, resultando na formação de mais médicos, mas sem infraestrutura adequada para garantir um ensino de qualidade. Segundo o CFM, 78% das cidades que sediam faculdades de medicina não possuem a estrutura mínima exigida, como hospitais de ensino, leitos do SUS e equipes da Estratégia Saúde da Família. Sem essas condições, a formação prática torna-se inviável, comprometendo a qualificação profis-



Pexels/Pixabay

sional e, conseqüentemente, a segurança dos pacientes.

Enquanto instituições sem condições mínimas seguem sendo autorizadas, universidades de excelência, como a PUC-Rio, enfrentam dificuldades para abrir seus cursos. Esse descompasso revela um sistema regulatório falho, que prioriza quantidade em detrimento da qualidade. Como consequência, profissionais mal preparados chegam ao mercado, agravando os desafios da saúde pública e colocando em risco a credibilidade

da medicina brasileira.

O problema se estende à residência médica, etapa essencial para a especialização. O aumento expressivo de vagas na graduação não foi acompanhado pela criação proporcional de novas vagas na residência, criando um gargalo preocupante. Muitos recém-formados, especialmente aqueles que financiaram os estudos pelo Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), enfrentam dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e pagar suas dí-

vidas. Além disso, a bolsa de residência é insuficiente para garantir a subsistência em grandes cidades, desestimulando a adesão a programas de especialização e ampliando desigualdades na distribuição de médicos pelo país.

Para enfrentar esse cenário, o Projeto de Lei 2294/2024, em tramitação no Senado, propõe a criação de um exame nacional de proficiência em medicina. A iniciativa, apoiada pela Academia Nacional de Medicina, Associação Médica Brasileira e pelo

próprio CFM, busca garantir que médicos recém-formados possuam as competências essenciais para exercer a profissão com segurança e ética. Modelos semelhantes já são adotados em países como Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, onde exames rigorosos asseguram que todos os médicos, independentemente da instituição de ensino, atendam aos mesmos padrões de qualidade antes de atuar.

No Brasil, o exame será um mecanismo essencial para qualificar a formação médica,

mas não resolverá sozinho os desafios estruturais do ensino. A abertura de novas escolas deve obedecer a critérios rigorosos, permitindo apenas aquelas com infraestrutura adequada, enquanto as já existentes precisam ser reavaliadas e obrigadas a cumprir os padrões exigidos. Atualmente, muitas instituições funcionam sem a estrutura básica necessária, comprometendo a formação dos estudantes e a segurança dos pacientes. É urgente corrigir essas falhas e garantir que todas as faculdades atendam aos requisitos essenciais para uma educação médica de qualidade.

O futuro da medicina brasileira não pode se resumir a números. É preciso um compromisso real com a excelência na formação, garantindo que médicos estejam preparados para atender a população com competência e segurança. Se nada for feito, a qualidade da medicina no Brasil continuará a se deteriorar. O momento exige planejamento, regulamentação eficaz e ações concretas para evitar que a crise na formação médica comprometa ainda mais a saúde pública.

**Marcelo Morales,**  
**Médico e Biofísico,**  
**Professor Titular da UFRJ**  
**e membro das Academias**  
**Brasileira de Ciências e**  
**Nacional de Medicina e da**  
**Nacional de Farmácia**

# Quiropraxia no pescoço pode aumentar o risco de AVC

Saiba como a prática pode afetar a circulação cerebral e os sinais de um acidente

A quiropraxia é uma técnica terapêutica que busca aliviar dores musculoesqueléticas por meio da manipulação das articulações, principalmente da coluna vertebral. Embora seja popular para o tratamento de dores nas costas, pescoço e outras áreas, a manipulação cervical pode representar riscos graves, como o Acidente Vascular Cerebral (AVC), quando feita de forma inadequada. O risco está relacionado à possibilidade de lesões nas artérias que irrigam o cérebro, o que pode interromper o fluxo sanguíneo e provocar um AVC.

Quando realizada na região do pescoço, a quiropraxia pode causar, em uma taxa estimada de 1,3 casos por 100 mil, a "dissecção" das artérias carótidas. Esse dano no revestimento interno dos vasos sanguíneos pode criar um ponto de origem para a formação de coágulos, que podem se deslocar até o cérebro e resultar em um AVC.

Dois casos amplamente divulgados reforçam a necessidade de cautela. Em setembro de 2024, uma mulher sofreu um AVC e ficou sete dias na UTI após uma sessão de quiropraxia, segundo reportagem de O Globo. Além disso, o caso da modelo Katie May, que faleceu após uma dissecação arterial durante uma manipulação cervical em 2016, trouxe atenção internacional ao risco associado à prática.

Estudos, como os da American Heart Association, apontam que as dissecações arteriais cervicais (rupturas nas artérias

vertebrais ou carótidas) são responsáveis por até 25% dos AVCs em pessoas com menos de 45 anos. Essas lesões podem ocorrer com movimentos bruscos durante a manipulação, interrompendo o fluxo sanguíneo para o cérebro e aumentando o risco de AVC isquêmico, que pode levar a consequências graves, como morte ou paralisia.

Para o neurocirurgião Orlando Maia, esses riscos são reais e precisam ser levados a sério. Ele alerta que "Embora o AVC relacionado à manipulação cervical seja um evento raro, ele pode ser devastador. A avaliação prévia do paciente, levando em consideração o histórico de doenças vasculares ou hipertensão, é essencial antes de qualquer procedimento de quiropraxia."

O especialista também reforça que pessoas com histórico de enxaquecas, hipertensão ou doenças vasculares devem evitar manipulações no pescoço e preferir terapias alternativas que não envolvam risco de lesões arteriais. "Em casos assim, a fisioterapia ou o uso de métodos menos invasivos podem ser opções mais seguras", sugere.

Embora a quiropraxia seja uma técnica válida, é importante que o paciente se informe corretamente e tenha sempre a orientação de um profissional qualificado. O paciente deve estar atento ao histórico de saúde, especialmente em relação a doenças vasculares, e nunca realizar o procedimento sem uma avaliação detalhada. Além disso, se após a manipulação cervi-



Pexels/ Karolina Grabowska

**Caso os sintomas de um AVC apareçam após a manipulação cervical, é fundamental agir rapidamente**

cal houver sintomas como dor intensa no pescoço, tontura, dificuldades de visão ou fraqueza, é essencial procurar atendimento médico imediatamente.

## Sintomas de um AVC

Caso os sintomas de um AVC apareçam após a manipulação cervical, é fundamen-

tal agir rapidamente. Os sinais de alerta incluem: fraqueza ou paralisia em um lado do corpo; dificuldade de falar ou entender a fala; perda de visão em um ou ambos os olhos; tontura, perda de equilíbrio ou coordenação; e dor de cabeça intensa e súbita, sem causa aparente.

Se perceber algum desses

sintomas, chame imediatamente o serviço de emergência. Quanto mais rápido o atendimento médico, maiores são as chances de reduzir os danos causados pelo AVC. É crucial que o tratamento ocorra nas primeiras 4 horas após o início dos sintomas, pois nesse período o tratamento pode reduzir

significativamente o risco de danos cerebrais permanentes e aumentar as chances de recuperação. Durante o transporte para o hospital, evite que a pessoa se movimente demais e mantenha a calma.

Além de buscar um quiropraxista qualificado e realizar a avaliação prévia de saúde, é importante adotar medidas gerais para reduzir o risco de AVC. Manter a pressão arterial sob controle, adotar uma alimentação balanceada, praticar atividades físicas regulares e evitar o consumo excessivo de álcool são atitudes que podem prevenir o AVC. Consultar um médico regularmente, especialmente se houver histórico de hipertensão ou problemas vasculares, também é fundamental para garantir a saúde arterial e prevenir complicações.

Caso o paciente busque alívio para dores no pescoço ou coluna, existem diversas alternativas que não envolvem riscos tão altos, como a fisioterapia, terapias de relaxamento, acupuntura e o uso de medicamentos prescritos por um médico. A fisioterapia, por exemplo, pode ajudar a melhorar a mobilidade e reduzir a dor sem colocar o paciente em risco de lesões arteriais.

Prevenir complicações graves é possível, e a melhor maneira de fazer isso é buscar sempre profissionais capacitados, estar ciente dos riscos envolvidos e adotar uma abordagem cautelosa, priorizando sempre a segurança do paciente.